

— Ora então vamos lá ver se hoje estás um pouco mais conversadora, Catarina. Na nossa primeira sessão fui só eu a falar, estás lembrada? — perguntou o doutor Elias, sentando-se na cadeira de braços.

— Lembro... — respondeu Catarina, sem fitar o médico.

— Pois é... Ora vamos lá então. Como te sentes?

Ela não respondeu; apenas se curvou para apertar os atacadores dos ténis. O médico deixou-a descontraír-se e prosseguiu:

— Queres dizer-me agora como te tens sentido desde terça-feira passada?

— Mal.

— É vago...

— Pessimamente. Está melhor?!

A voz era agressiva, como o olhar.

— Sabes que foste tu que concordaste em vir aqui, Catarina... Ninguém te obrigou, nem poderia ser — observou o doutor Elias pacientemente, tentando captar-lhe os olhos, escondidos pelo cabelo.

— Foi a minha mãe que insistiu, já lhe disse isso na primeira vez.

— E por que razão terá ela insistido?

O médico falava agora como se se dirigisse a uma criança. Ela irritou-se:

— Olhe, senhor doutor, eu já tenho quinze anos. Agradeço que se lembre disso e não me fale como se eu tivesse cinco... — Depois, acrescentou entredentes: — Que seca...

O terapeuta mudou então de estratégia:

— Muito bem. De facto, tens idade para eu te tratar com mais frontalidade. Desculpa a minha condescendência..., estava a esquecer-me de que, na realidade, tens mesmo quinze anos. Não volta a acontecer. Ora, como deves saber, a maturidade suporta enfrentar a verdade. Como vão as coisas na escola?

— Mais ou menos — retorquiu ela, ainda sem o fitar.

— Especifica.

— Às vezes, sinto-me um bocado mal de manhã.

— Tomas sempre o pequeno-almoço?

— Já está outra vez a tratar-me como se eu fosse um bebé...

— Nesse caso, eu sou um bebé, a maior parte das pessoas que conheço são bebés, porque tomamos todos o pequeno-almoço. Deves ter aprendido na escola que se trata da refeição mais importante do dia.

— Eu tomo o pequeno-almoço, ESTÁ BEM?!

— Sempre?

Ela olhou o tapete. Era de Arraiolos, em tons de verde e amarelo, cores que lhe faziam lembrar os seus próprios vômitos.

— Quantas vezes por semana tomas o pequeno-almoço, Catarina? — insistiu o médico.

— Não sei. Não as conto.

— Estás a mentir e, assim, não vamos a lado nenhum...

Que grande azar ter de estar ali. Era como uma aula chata, cujo interesse estava longe de ser evidente.

— Ok. Às vezes não tomo. Não me apetece.

— Assim está melhor.

Ela olhou-o então pela primeira vez. Não perdera a sua expressão séria, mas, pelo menos, tinha dito uma frase simpática. Talvez merecesse a verdade.

— É raro tomar o pequeno-almoço. Só quando saio de casa antes da minha mãe é que tenho de comer alguma coisa.

— Hum-hum. E... continuas a vomitar depois de comeres?

A mãe contara-lhe! Que dizer? Não valia a pena negar, pensou.

— Algumas vezes — murmurou.

— Quantas?

Que chato, o médico! Que tinha ele a ver com isso? A vida era dela!

— Já disse: algumas vezes!

— Vais à casa de banho, metes os dedos na boca e fazes sair o que acabou de entrar, é isso? — perguntou ele, como se se tratasse de um procedimento praticamente normal.

A Catarina não gostou de que se falasse nestes termos da sua intimidade.

— Se já sabe como é, escusava de perguntar.

— O que eu quero agora, o que eu... gostava agora era de saber quando foi que isso começou, Catarina.

— Quando começou o quê? — fez-se de desentendida, que a conversa estava a tornar-se demasiado profunda para o seu gosto.

— Quando começaste a sentir-te tão feia e tão gorda que resolveste começar a vomitar de propósito, é isto que eu gostaria que disseses.

E porque haveria de dizer?

— Não sei, não me lembro.

— Posso estar errado, mas tenho a impressão de que estás outra vez a mentir, Catarina. E isso é mau, muito mau mesmo. Estamos a perder tempo e esse tempo é pago pelos teus pais, como sabes.

Naquele aspecto, ele tinha razão. Os pais não eram milionários, e as consultas custavam um dinheirão, apesar do desconto que o doutor Elias fizera, por conhecer a mãe.

— Acho que foi quando tinha praí onze anos... Mas talvez tenha sido depois, não tenho a certeza.

— Que aconteceu de importante quando tinhas onze anos, Catarina?

— Nada de especial, acho...

— Hum?

— Apareceu-me o período.

— Como foi que reagiste?

— Ora, como toda a gente. É uma chatice ter o período.

— Foi isso que sentiste, que era uma «chatice»?

— Sei lá, já foi há tanto tempo... Não sei o que é que isso tem a ver, quero dizer, não aconteceu nada de especial.

— Depois, acrescentou com um sorriso irónico: — Se quer que eu diga se já sabia o que era a menstruação...

— Isso eu acredito que sabias. A tua mãe é enfermeira e é uma pessoa responsável.

— É... Responsável e gorda, como eu...

— Achas-te parecida com ela?

— Quem é que não acha?!

— Só se for fisicamente...

— Claro.

— É uma pena... A tua mãe parece-me uma pessoa bem interessante.

Não gostou.

— Eu sei que ela é ótima enfermeira. Toda a gente diz isso.

— Eu estava a falar dela como pessoa, Catarina. É como ser humano que a tua mãe me parece muito interessante.

— Os psiquiatras, os psicólogos, etc. devem achar toda a gente interessante...

— Enganas-te.

— Bem, temos mesmo de continuar a falar da minha mãe?!

— Não, a não ser que queiras explicar que relação tem ela com o facto de te sentires infeliz.

— Eu não me sinto infeliz, ‘tá bem?! Não ser feliz não é o mesmo que ser infeliz! — atalhou ela, lembrando-se do que lhe dissera uma vez o Afonso.

— Talvez...

— A minha irmã teve a sorte de sair parecida com o meu pai. Eu não. Paciência. Não há mais nada a dizer.

— Não?...

Que mania de insistir!

— Já lhe disse que não.

— Como queiras, mas sabes que vamos ter de voltar a esse assunto noutra dia, não sabes?

Ela cruzou os braços, de enfado.

— Antes de acabarmos por hoje, queria ainda que te concentrasses e me respondesses a uma questão.

— Diga — disse ela torcendo o nariz.

— Há pouco falámos do facto de te sentires feia e gorda. Gostaria que me disseses qual dos adjectivos te define melhor.

Que era aquilo? Aula de português, agora?!

— Sei lá!

— Pensa! — ordenou o médico, com voz subitamente autoritária.

Que frete! Quando é que aquilo acabaria?

— Não queres pensar porque te dói, é isso? — tornou o doutor Elias.

A raiva subia-lhe agora à testa:

— Olhe, senhor doutor, eu não sei qual é o gozo de me estar a chatear de propósito com perguntas dessas, percebe? Não sei mesmo, portanto o melhor é mudar de tática, que eu estou a ficar um bocado farta, sabe?

— Estou a ver que sim...

— O quê?

— Que dói. Muito, não é? Mas hoje ficamos então por aqui. Depois havemos de voltar a falar nisto.

Quando saiu do consultório do doutor Elias, vinha uma pilha. Decididamente, tinha de pedir à mãe que arranjasse outro médico qualquer. Aquele não servia: era um incompetente, não sabia ajudá-la em coisa nenhuma. Que atraso de vida!

Parou de pensar. Os olhos colaram-se-lhe, sem querer, à montra da pastelaria ao fundo da rua. Uma senhora loira comia um enorme bolo de creme, talvez uma bola-de-berlim, não dava para distinguir bem. Vacilou, mas não conseguiu resistir. Entrou na pastelaria, inspeccionou o balcão de vidro e apontou para o empregado:

— Quero este... e aquele ali. Não, o outro, que tem *chantilly*.

— Os dois? — inquiriu o rapaz.

— Sim.

— Para embrulhar, não é?

Ela corou ligeiramente e respondeu em voz baixa:

— Não.

Comeu os bolos com tanta pressa que a senhora loira, que ainda estava a tomar o café, a olhou espantada. Teve vontade de insultá-la, atirar-lhe à cara que se via perfeitamente que o cabelo era pintado, mandá-la virar a carantonha maquilhada para outro lado, mas, em vez disso, pagou e saiu da pastelaria o mais depressa que pôde.

Mal chegou, a avó abriu-lhe a porta, e ela voou para a casa de banho. Depois, foi o ritual a que se habituara havia dois meses. Antes de sair, encheu de água o copo dos dentes, gargarejou, cuspiu e sentou-se sobre o tampo da sanita, para se dar tempo a recompor-se. Passou a escova pelos cabelos, sem olhar o espelho, e foi para a sala.

— Ah, já chegaste, filha. Não te tinha visto — disse-lhe a mãe.

— Estava no meu quarto.

— A tua irmã já veio?

— Não. É hoje que tem Britânico, não te lembras?

— Não me estava a lembrar.

— Olha, mãe, antes que ela venha, quero dizer-te já que o melhor é arranjares outro médico. Pergunta lá no teu hospital, fala com quem quiseres, mas vê se te despachas.

A mãe franziu o sobrolho:

— Porquê, Catarina? Não me digas que não gostas do doutor Elias! É uma jóia de senhor. Toda a gente gosta dele, filha.

— Toda a gente menos eu. E eu, por acaso, não conto?